A Importância do Futebol Como Instrumento da Geopolítica Internacional

Thiago Canettieri[47]

Resumo

Este artigo visa trazer para a discussão geográfica o papel do futebol como instrumento de espacialização de uma sociedade, seus ideais e, principalmente, seus conflitos, "limitados" às quatros linhas do campo. Nessa instância da espacialidade se constrói relações de poder, assim como são construídas as tensões ao longo da reprodução de cada Estado e sistema de poder. Dessa forma, o conjunto da espacialidade dos poderes e das relações entre os atores sócio-espaciais e instituições, são trazidos a campo, refletindo essa realidade na forma de se praticar o esporte. É lançada uma breve discussão sobre o papel que o futebol representa na construção e manutenção de uma geopolítica internacional.

Palavras-chaves: Conflito; Esportes; Nação.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo llevar el debate a la función geográfica del fútbol como herramienta para la espacialización de una sociedad, sus ideales y en especial sus conflictos, "limitada" a cuatro líneas del campo. Nesse nivel de espacialidad se construye relaciones de poder, ya que está construido tensiones a lo largo de la reproducción de cada estado y sistema de poder. Por lo tanto, la amplitud global de las competencias y las relaciones entre los actores e instituciones socio-espaciales sean en el campo, lo que refleja que la realidad con el fin de practicar el deporte. Se tratará de traer una breve discusión sobre el papel que el fútbol desempeña en la construcción y el mantenimiento de una geopolítica internacional.

Palabras-clave: Conflicto; Desportos; Nación.

Introdução

O futebol é, certamente, um instrumento da sociabilidade humana[48], o qual se relaciona constantemente com o espaço e, dessa forma, constrói espaços de influência, desempenhando um importante papel na vida cotidiana da sociedade. É capaz de criar objetos marcantes na paisagem que, no caso de nossa análise, será o cenário da geopolítica mundial. Segundo Favero (2009), o futebol é dinâmico, podendo atribuir a ele o significado que for conveniente. "Ele [o futebol] pode obscurecer a pobreza ou reforçar o sentimento de nacionalidade." (FAVERO, 2009, p. 24).

Portanto, uma característica do futebol é seu traço identitário marcante. Apesar de ser o mesmo esporte tão apreciado em diferentes localidades do mundo, verdadeiro esporte globalizado, percebe-se que é um "delimitador de fronteiras, reforçando identidades regionais" (DRUMOND, 2008, p. 11).

47 Graduação em Geografia (PUC-MG). thiago.canettieri@gmail.com

48 Diversos estudos assim o consideram, como DAMATTA (1994), CAMPOS (2006) e GOMES (2006).

A Geopolítica sempre esteve ligada ao estudo das guerras, no sentido de disputa e conflito por territórios e recursos. E, por vezes, o futebol entra como mais um componente da geopolítica e mesmo das guerras, na qual se materializa de forma institucionalizada e "regrada" as disputas entre clubes, jogadores, federações e países.

Os estudos sobre futebol no âmbito da ciência geográfica ainda são poucos, no entanto, de grande importância como os trabalhos de Gilmar Mascarenhas de Jesus (1999, 2001) e de Odette Seabra (2000), que analisam a relação entre a produção do espaço e o futebol. Merece destaque, ainda, a contribuição de Paulo Miranda Favero (2009), que percebe e discute o caráter geopolítico que o futebol pode assumir, mas traçando sua análise em torno da globalização do esporte e dos jogadores. A importância que o futebol assume na construção de uma geopolítica global é, também, lembrada por José Miguel Wisnik (2008), que afirma que o futebol se tornou uma espécie de língua geral, que põe em contato povos de todos os continentes e que, no momento da prática esportiva em si, são colocados de modo igualitário.

Dessa forma, o presente artigo visa contribuir para a incorporação de novos elementos geopolíticos acerca do futebol internacional, estudando a relação entre o jogo e a política. Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho parte de densa pesquisa bibliográfica sobre a importância do futebol nas perspectivas historiográficas e sociológicas, selecionando especialmente aqueles estudos que discorrem sobre situações em que o futebol está intrinsecamente relacionado com a política dos Estados nacionais.

Breve evolução histórica do futebol

Os primeiros indícios de atividade semelhante ao futebol moderno são por volta de 2500 a.C., a partir de um treino militar, adotado pelo imperador chinês Cheng-Ti. Os soldados eram divididos em dois grupos e disputavam com as mãos e os pés a posse de um balão, feito de couro e recheado de crina de cavalo.

Mas é no século XII, na Inglaterra, que aparece como uma prática esportiva chamada *mob football*, no qual os jogadores deviam levar uma bola até os extremos da cidade. Marcado por forte violência, o esporte foi banido por um decreto real. Na segunda metade do século XVIII, o *mob football* é retomado nos colégios ingleses, mas de forma mais moderada.

O futebol moderno surge, também, na Inglaterra, por volta do final do século XIX, em plena revolução industrial. Assim como os ideais do capitalismo, o futebol invade a Europa continental entre 1870 e 1890 por entre os portos e as ferrovias (TERESA, 2006).

Atualmente, é o esporte mais assistido e praticado no mundo. Segundo Teresa (2006), a

indústria do futebol movimenta 160 milhões de euros no mundo a cada ano, tornando-se um evento global. Mas essa trajetória meteórica não apagou sua função política de colocar em conflito duas torcidas e, por vezes, duas nações ou Estados.

Futebol e Estado-Nação

Debrun (1983 *apud* VIANA, 2010) afirma que a grande especificidade do futebol é que ele se desenvolve em um espaço nacional, garantindo, assim, o caráter de identificação da população com o esporte. O futebol é rico em sutis diferenças e, por isso, é capaz de construir modelos de identidade de uma nação:

> Mais que qualquer outro esporte, o futebol carrega consigo grande capital simbólico de representação da nação. E é justamente este caráter simbólico do esporte que permite despertar tamanha comoção entre os movimentos nacionalistas. (DRUMOND, 2008, p. 12).

O futebol é, então, uma forma de representação da nação, no qual é comum a disputa de seleções mundiais serem acompanhadas de grande nacionalismo. Mais do que onze figuras em campo, os jogadores são considerados cidadãos representantes de um país, dos anseios e desejos nacionais, dos medos e desconfianças em relação aos outros países.

O futebol opera como um elemento de mediação entre as necessidades sociais de um povo e os objetivos políticos de seu governo. Dessa forma, vemos o futebol como uma forma de garantir a coesão de um Estado Nacional, uma vez que as vitórias no campo esportivo são encaradas como triunfos de todos, e, quando uma seleção sofre uma derrota, essa é pesada sobre todos os torcedores.

Eric Hobsbawm (*apud* DRUMOND, 2008) afirma que o esporte é a demonstração concreta dos laços de união de todos os habitantes, independente de diferenças locais e regionais. Dessa forma, os governos encontram nas seleções nacionais força para garantir a coesão social nacional e sua legitimidade entre todos os habitantes. O futebol é, assim, a representação cultural de um Estado, a representação a partir das quatro linhas do campo de todo um povo e, frequentemente, de seu governo.

A ideia de nacionalidade está diretamente ligada à ideia de cultura nacional, e dessa forma, o próprio futebol é uma espécie de cultura de grande alcance, que atinge tanto classes mais abastadas, quanto as mais populares, tanto países de "primeiro mundo", quanto de países "subdesenvolvidos".

Dessa forma, a nação se vê em campo, representada pelos onze jogadores que disputam o campo e a bola. Mas outro elemento importante é desempenhado pelas torcidas. As torcidas são as

nações e representam um grande poder simbólico dentro do universo do futebol. Segundo Gomes (2006, p. 237), o ato de torcer exprime a afinidade da pessoa com a equipe, no caso estudado, das seleções nacionais, aproxima o torcedor ao Estado e garante almejada coesão social, uma vez que todos estão visando o mesmo objetivo: as vitórias nos jogos e campeonatos. O torcedor, então, identifica "um conjunto de identidades sócio-territoriais" (GOMES, 2006, p. 237) e escolhe apoiar aquele time. Dessa forma, a aproximação dos indivíduos com o Estado pode ser observada de acordo com seu apoio à equipe que o "representa".

Sobre isso, a recente participação da seleção de futebol da Alemanha na Copa do Mundo da África do Sul serve como ilustração. A nação alemã, após a Segunda Guerra Mundial, carregava a mancha do nazismo estigmatizado na reprodução social dos alemães. Os selecionados germânicos passaram a ter um apoio menor do que anteriormente, justamente devido a situação de vergonha e submissão imposta pelos vencedores da guerra. Nas Copas do Mundo de 2006 e 2010, a seleção alemã não é mais composta exclusivamente por jogadores de estereótipos arianos, e sim um grupo menos homogêneo quanto ao caráter étnico, contando com jogadores de descendência turca e religião muçulmana, poloneses e até brasileiros, ganeses e nigerianos naturalizados alemães. Foi com essas mudanças étnicas do selecionado que, segundo o jornalista de esporte alemão Smee (2006), a população alemã voltou a se identificar e torcer com sua seleção nacional.

Nessa perspectiva, o apoio a essas seleções alemãs pode ser visto como uma forma de perdoar os erros daquela nação e aceitar a diferença étnica em prol de uma Alemanha forte. Na mesma reportagem, Eren Unsal, porta-voz da organização da comunidade turca na Alemanha, afirma: "É um sinal positivo haver tanta solidariedade com a seleção nacional de futebol. É uma mensagem forte a respeito da identificação das pessoas com a Alemanha".

Brohm (1989 *apud* VAZ, 2008) sintetiza a função ideológica do esporte, primeiramente, quando o aparelho estatal reproduz as relações sociais burguesas por meio de valores como hierarquia, subserviência, obediência, etc., propagando essa ideologia organizacional específica através das competições esportivas. Assim, o esporte traduz os temas universais da ideologia burguesa, tais como o mito do super-homem, do individualismo, da ascensão social, da eficiência organizacional, etc.

O futebol, assim como outros esportes, representa esse incentivo à competição entre indivíduos e sociedades:

> Não é casual que a Inglaterra tenha sido o berço da Revolução Industrial e do Futebol. Os dois fenômenos baseiam-se em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização das funções, quantificação de resultados e fixação de regras (FRANCO JR., 2007, p. 25

apud FAVERO, 2008, p. 21).

A Geopolítica do Futebol

O conceito de geopolítica foi empregado pela primeira vez pelo cientista político sueco Rudolf Kjéllen, em 1916, o qual afirmava que "a geopolítica é a ciência que concebe o Estado como um organismo geográfico." (MAGNOLI, 1991, p. 12, *apud* FAVERO, 2009, p. 56). No entanto, o pioneirismo dos estudos geopolíticos é relacionado ao geógrafo alemão Friedrich Ratzel, em 1897, apesar do autor não utilizar o termo "geopolítica" e sim "geografia política".

Em 1928, o geopolítico alemão K. Haushofer define geopolítica como "a ciência de vinculação geográfica dos acontecimentos políticos" (FAVERO, 2009, p. 56). Dessa forma, Haushofer propõe uma análise dos fatores naturais e sociais ligados diretamente a disputa de poder.

José William Vesentini (2003), na obra *Novas Geopolíticas,* afirma que as preocupações da antiga geopolítica do século XX de âmbito bélico-militar hoje recaíram sobre situações de caráter econômico, cultural e social. E é nesse contexto que o futebol acaba por se inserir na construção da geopolítica. Segundo Drummond (2008), à medida que caía no gosto popular, o futebol aumentava sua área de influência no mundo e, por via de consequência, também sua utilização como instrumento político do Estado, se tornando uma demonstração de poder. Daí que o futebol é uma guerra simbólica, envolvendo o embate entre duas forças em uma disputa territorial dentro de campo, quando muitas vezes também fora dele.

O jogo entre a seleção alemã de Adolf Hitler contra a seleção da Áustria serve de ilustração para a guerra do futebol. A partida promovida por autoridades nazistas aconteceu em abril de 1938, num cenário internacional carregado de tensões devido à recente invasão germânica sobre a Áustria. Para os organizadores da partida, seria uma forma de consumar o domínio nazista sobre a Áustria, desta vez, dentro de um estádio de futebol. O jogo contou com grande presença da torcida austríaca (em torno de 60 mil pessoas), porém, a partida se tornou um protesto contra o Terceiro *Reich.* A seleção austríaca, chamado carinhosamente de *Wunderteam (*equipe maravilhosa), era uma das melhores do mundo, contando com o jogador Matthias Sindelar, meio de campo de excelente qualidade que fora, inclusive, convidado diversas vezes para fazer parte da seleção alemã. O jogo havia sido comprado pelos oficias nazista, mas mesmo assim, a seleção austríaca venceu pelo placar de 2 a 0. Essa atitude dos jogadores austríacos desafiou o governo alemão, uma vez que foi provado que não havia a legitimidade esperada da soberania germânica sobre a Áustria. Dois meses depois, Sindelar e sua namorada foram encontrados mortos por envenenamento com monóxido de carbono,

e seu enterro, acompanhado por 20 mil pessoas, foi outro protesto contra o nazismo.

Esse episódio do nazismo contra *wunderteam* demonstra como o esporte é apropriado pelo Estado para realizar a disputa de poder. Nesse caso, mesmo quando o Estado Nazista Alemão era mais forte política, econômica e militarmente, o futebol permitiu uma chance aos austríacos de igualarem as forças, enfrentando o Terceiro *Reich* dentro de campo.

Outro caso que representa o caráter geopolítico do futebol aconteceu em 1969, entre Honduras e El Salvador, quando as equipes dos dois selecionados se enfrentaram nos jogos de eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970. No primeiro jogo, o anfitrião El Salvador perdeu por 1 a 0, mas com o placar do segundo jogo a equipe acabou eliminando Honduras em sua própria casa, criando um ambiente extremamente hostil no estádio.

Essa partida foi usada como represália pelas milícias armadas hondurenhas, que expulsaram camponeses salvadorenhos instalados em Honduras, iniciando uma guerra entre os dois países que durou quatro dias. Apesar da tensão entre os dois Estados ser mais antiga, o futebol foi o estopim da eclosão.

Podemos citar outros exemplos, como a Itália fascista de Benito Mussolini na Copa do Mundo de 1934, realizada na Itália e que teve a própria Itália por campeã. Ou a Copa do Mundo de 1986, a qual teve a eliminação da Inglaterra justamente pela Argentina com o polêmico gol de *La mano de Dios* feito por Diego Maradona, e que adquiriu ares de revanche pela derrota argentina na guerra contra os britânicos quatro anos antes (Guerra das Malvinas, 1982).

Atualmente, também se observa a importância do futebol na expressão geopolítica do campeonato escocês, entre os times *Celtic* e *Rangers*. O *Celtic* representa a religião católica e seus torcedores tomam partido a favor da independência da Irlanda do Norte, sendo que seus torcedores mais radicais apóiam o grupo radical IRA (*Irish Republican Army*), enquanto o *Rangers* representa os protestantes, seguindo a mesma linha polítco-religiosa do Reino Unido, inclusive, utilizando bandeiras e símbolos da família real britânica, e seus torcedores são contrários à separação da Irlanda. No entanto, não cabe nesse trabalho trazer todas essas manifestações geopolíticas do futebol, mas perceber que, efetivamente, o futebol é campo de representação de conflitos entre duas equipes que estão em campo de forma a representar suas nações, suas ideologias e seus anseios.

Paulo César da Costa Gomes (2006, p.232-234), traça um paralelo entre as competições esportivas e as disputas bélicas: o "futebol narra um combate". Segundo ele, a própria disposição espacial dos elementos de um jogo de futebol representa uma disputa territorial. A começar pelo traçado do campo, como os dois semicírculos no meio de campo, que representariam as frentes de ataque e defesa, comumente chamados de intermediária. Mais recuado, próximo das traves, está a pequena área, o "último bastião da defesa antes da meta". A bola, então, não o elemento da disputa,

mas sim um instrumento de agressão de uma equipe a outra. Até mesmo a nomenclatura utilizada no futebol dá ideia da metáfora proposta por Gomes, onde o jogador de meio de campo é chamado de armador e sua principal função é municiar, ou seja, armar o ataque, de forma a preparar a bola para que o atacante, ou "artilheiro", do time finalize e marque o gol. Há ainda os defensores, que são os jogadores que cuidariam da defesa e neutralizariam o perigo do ataque adversário.

O futebol é também considerado uma manifestação cultural, que tem a capacidade de organizar o espaço mundial, de expressar a política de um Estado e representá-lo em campo, como que uma manifestação diplomática da relação entre Estados. Sendo assim, o futebol possuiria características culturais sutilmente distintas em cada continente, numa espécie de "determinismo geográfico". Assim, é comum caracterizar o futebol latino-americano pela grande habilidade individual de seus jogadores e seu jogo de verticalidade, diferentemente do futebol europeu ou ocidental, que valorizaria a posse de bola e o esquema tático, com equipes técnicas, mas que jogam de forma horizontal no campo. As equipes asiáticas empregariam um ritmo de grande velocidade, enquanto que as africanas se baseariam no vigor e força física de seus atletas. Essas divisões superficiais e deterministas das equipes nacionais de futebol expressam um sentido maior, de natureza fundamentalmente ideológica.

Samuel Phillips Huntigton, cientista político estadunidense, elaborou em 1993, uma teoria que denominou de Choque de Civilizações. Nessa teoria, Huntigton descreve que o mundo pós-guerra Fria seria construído a partir das identidades culturais dos povos, expressas em civilizações que entrariam em conflito com o objetivo de uma sobrepujar a outra. Conforme o autor: "Las coincidências y diferencias culturales configuran los intereses, antagonismos y asociaciones de los Estados. [...] La política global se há vuelto multipolar y multicivilizacional." (HUNTINGTON, 2008, p. 30).

Dessa forma, Samuel Huntington dividiu o mundo em grandes unidades civilizacionais, conforme Figura 1.

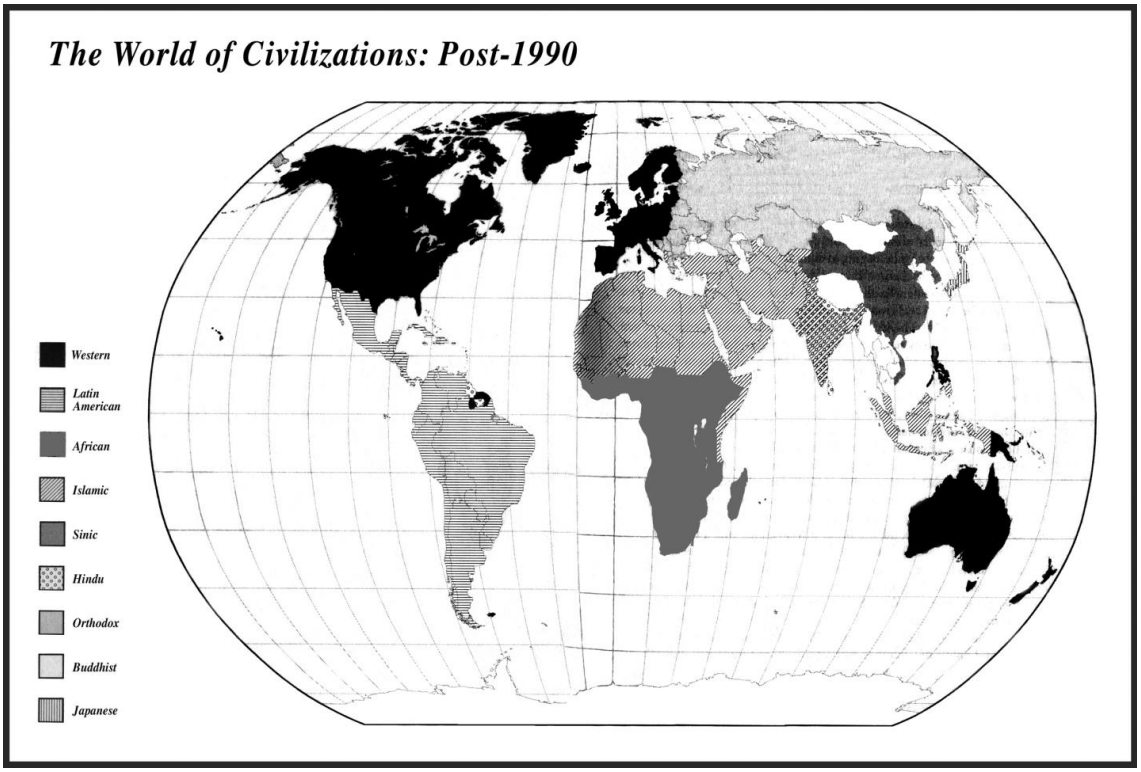

Figura 1: Divisão das Civilizações por S. Huntington (Fonte: http://sala.clacso.org.ar).

Observa-se que a expressão do "determinismo geográfico" no mundo do futebol se aproxima, em certo sentido, da abordagem civilizacional de Huntington. Dessa relação pode-se desdobrar que cada civilização reflete essas características culturais no futebol praticado por suas equipes nacionais. Mais do que isso, observa-se novamente o papel do futebol na construção geopolítica, pois traz o "choque de civilizações" ao campo de jogo.

Ainda tendo como referência a obra de Huntington, o autor afirma que: "Los contactos más palpables y significativos entre civilizaciones fueron aquellos em que gente de uma civilización conquistaba y elininaba o sometía a gente de outra." (HUNTIGTON, 2008, p. 56). Esse contato entre civilizações ao qual Samuel Huntington se refere, no qual existe a conquista entre civilizações, pode ser transportado também para dentro do campo de jogo.

Durante os jogos entre as seleções nacionais, em busca da vitória em nome da nação representada, uma equipe tenta submeter a outra. Essa dinâmica de contato dentro de campo é como Huntington vem a considerar uma espécie de troca de informações, quando um grupo irá desenvolver técnicas que antes eram inerentes ao outro, e é dessa mesma que o futebol vai possuir essas especificidades, como nas relações internacionais proposta por Samuel Huntington.

Teresa (2008, p. 17) afirma que "com uma divisão multipolar do mundo, o futebol mais do que qualquer fator envolve regiões, pessoas e nações, fazendo parte da sua cultura". O futebol é um

delimitador de fronteiras culturais, pela forma de se jogar e pelas identificações que a nação possui com os jogadores e equipes.

Considerando a Figura 2, das Confederações de Futebol associadas a FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), observa-se a grande semelhança da regionalização empregada com a divisão mundial civilizacional de Huntington. Assim, podemos afirmar que a FIFA é uma instituição geopolítica. Em comparação, a Organização das Nações Unidas (ONU) possui 192 filiados, menos que a FIFA, que atua em 208 países (FAVERO, 2009).

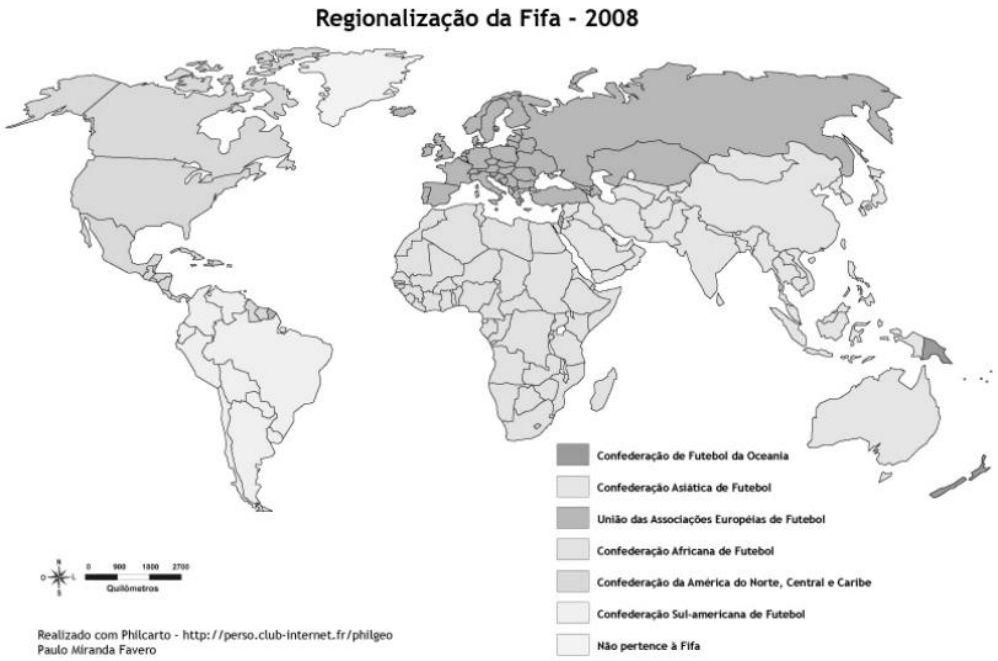

Figura 2: As Confederações de Futebol (Fonte: FAVERO, 2009).

Dessa forma, a FIFA aparece como sendo uma corporação internacional, com ampla escala de operações bem articuladas, que monopoliza todos os passos do futebol no mundo, contando com um grande poder de influência política e econômica.

Observamos que existe no mundo do futebol interesses que encontramos no âmbito da política internacional. Para ilustrar, temos o caso de Israel, um país incrustado no Oriente Médio, mas que participa da Federação Europeia, devido à proeminência da questão de identidade/alteridade, uma vez que os países árabes de seu entrono vedam a participação de Israel nos torneios regionais asiáticos.

Assim, a FIFA atua diretamente em cenários políticos abrangentes. Por exemplo, em Copas do Mundo é a FIFA que determina o número de países participantes de cada continente. Na Copa do

Mundo de 2006, na Alemanha, 14 países eram da Europa, 8 das Américas, 5 da África, 4 da Ásia e 1 da Oceania. A FIFA, tal qual o Conselho de Segurança da ONU, também estabelece sanções a certos países que contrariam os direitos humanos e que são "mal-vistos" pela comunidade internacional, inclusive banindo da participação nas competições. Durante anos, a FIFA não permitiu a participação da seleção sul-africana, devido ao regime de *apartheid* do país. E como sinal de reconhecimento da mudança política ocorrida na África do Sul, realiza em 1996, pela primeira vez, a Taça Africana de Nações naquele país.

Também se observa a construção de nações a partir do futebol, uma vez que o esporte expressa o nacionalismo, conforme discutido anteriormente. Muitas nações que ainda não construíram seu Estado[49] optam pela criação de uma equipe nacional de futebol, vista como etapa preparatória importante no plano psicológico para efetivar seu Estado nacional. Dessa forma, a nação corporifica-se enquanto não se pode fazê-lo como um Estado. Observa-se que o movimento argelino de independência fez uso desse recurso, quando entre 1958 e 1961, membros do movimento defenderam a bandeira argelina no campo de futebol enquanto ainda que não possuíssem Estado próprio. Semelhantemente, há uma seleção palestina, filiada à FIFA, de modo a disputar de forma legalizada um conflito étnico-religioso com os israelenses que vem de longa data.

Algumas considerações sobre o estudo

O futebol vem ganhando cada vez mais espaço na economia, na cultura e, principalmente, na política. O futebol e sua institucionalização são apropriados como instrumento político por certos Estados que o utilizam como forma de uma nação se identificar, de garantir a coesão de sua população, tendo por diversas vezes episódio históricos que demonstram esse viés geopolítico do futebol.

Conforme Drummond (2008, p. 393), o futebol é o "fenômeno cultural mais difundido do mundo de hoje", de forma globalizada como lembrado por Teresa:

> Com aproximadamente 240 milhões de jogadores activos e biliões de telespectadores, o futebol constitui uma substancial oportunidade industrial abrindo novos mercados para si e para o resto do mundo dos negócios. (TERESA, 2008, p. 18).

A principal instituição do futebol, que garante o caráter globalizado do mesmo, é a FIFA. Devido a sua importância global, muitos dos recém-criados Estados-Nações desejam aderir a essa

49 Como Estado entende-se a tríade proposta por Ratzel, onde seria necessária a existência de Solo (Território), Governo e Povo (COSTA, 2006).

organização antes mesmo da ONU. Díez destaca esse papel geopolítico da FIFA:

> La FIFA no es el FMI ni la OTAN, pero el fútbol tiene um poder de catalización de sentimientos que llega a desencadenar, por ejemplo levantamientos urbanos, como los movimientos de protesta de jóvenes rusos al ver su país eliminado Del mundial de Corea y Japón; guerras, como em la fase de clasificación para la Copa Mundial de México de 1970, entre Honduras y El Salvador y asesiatos como el ocurrido al defensa colombiano, Andrés Escobar, que cometió el autogol frente a Estados Unidos em el Mundial de 1994. (DÍEZ, 2006, p. 2).

Foi durante o século XX que se viu a eclosão de diversos conflitos geopolíticos envolvendo o futebol, acirrando rivalidades e alterando o curso da geopolítica mundial; e como consequência, o futebol ganha cada vez mais espaço nos movimentos de criação de novos Estados. Teresa (2008, p. 16) afirma que dentre as primeiras manifestações da vontade dos novos Estados independentes figura o pedido de adesão à FIFA:

> Como se a definição de Estado para além dos três elementos tradicionais: um território, uma população, um governo necessitasse agora de um quarto: uma equipe nacional de futebol. (TERESA, 2008, p. 16-17).

A questão da equipe nacional de futebol, como representação de toda uma nação em campo, reforça a simbologia de uma identidade nacional única, onde todos os indivíduos se sentem inseridos. Nildo Viana (2010, p. 11) afirma que a identidade nacional criada pelo "nacionalismo de copa do mundo" abole imaginariamente as profundas divisões sociais, a luta de classes, os interesses antagônicos, sem falar em outras divisões (religião, raça, sexo, idade, cultura, etc.). Segundo o autor, a identidade nacional futebolística exerce o papel de criar uma unidade ilusória, sendo a ilusão imobilizadora, logo, reprodutora do existente.

Mais além, o futebol pode responder a alguns parâmetros premeditados pelo Estado, quando a política se apropria do futebol, de seu sentido, e o reproduz de forma a seguir vontades, por vezes, particularistas de grupos de interesse. Para ilustração, vale falar da seleção brasileira à época da ditadura militar, quando o interesse popular pelo futebol foi mobilizado como estratégia de unir a população em torno do regime, e afirmar que o país estava prosperando. Essa propaganda, evocando o nacionalismo e a união nacional dentro e fora de campo, colocava o governo como aliado da população. Emílio Garrastazu Médici, o general-presidente brasileiro, usou da mesma política dos antigos imperadores romanos: "pão e circo". A equipe nacional de futebol recebeu todo o respaldo governista para que o time fosse comparado ao país como um todo.

O futebol já não é mais apenas um esporte, por estar preenchido de sentido político, cultural e econômico, a cada jogo e competição internacional. Vale lembrar que desde a época de sua

"invenção" pelos chineses até os dias atuais, embora tenha mudado, o futebol não perdeu esse caráter de uma simulação de uma batalha entre grupos rivais, uma metáfora de dois exércitos em combate. O futebol representa uma nação, um governo, uma empresa, em um mundo multipolar e que, mesmo sendo uma representação, contribui para a construção de uma geopolítica a nível mundial, em uma disputa de poder, dentro e fora de campo.

Referências

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. **Futebol e Geografia: possibilidade de apreensão através do conceito de espaço de representação do futebol.** In Anais do 1º Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia política e geopolítica : discurso sobre o território e o poder**. São Paulo: HUCITEC/Edusp, 1992.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro.** Revista USP, São Paulo, 1994.

BLASCO DÍEZ, Jordi. **Geografía del Mundial de Fútbol 2006: Alemania país organizador y sus sedes.** In Ar@cne. Revista electrónica de recursos en Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, n. 82, 2006.

DRUMOND, Maurício. **Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol.** 2009. 117p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

HUNTIGTON, Samuel Phillip. **El Choque de Civilizaciones y la reconfiguración del orden mundial.** Buenos Aires: Paidós, 2008.

_____. **A Geografia e os esportes: pequena agenda e amplos horizontes.** In Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP Conexões, v. 1, n. 2, 1999.

GOMES, Paulo César da Costa. O futebol e sua dimensão estética: entre a geopolítica da bola e a geopolítica dos torcedores. In GOMES, P. C. da Costa. **A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MACHADO, Igor José de Renó. **Futebol, clãs e nação.** In Revista Dados, v. 43, n. 1, Rio de Janeiro, 2000.

SAMPAIO, Fernando. **O Choque de Civilizações: as consequências desta ideologia nas disputas**

de poder no século XXI. In Escola Superior de Geopolítica e Estratégia, texto para discussão, 2001.

Smee, Jess. **Imigrantes turcos torcem pela seleção alemã**. Agência de Notícias Inter Press Service, 2006. Disponível em: <http://www.mwglobal.org/ipsbrasil.net/nota.php?idnews=1911> Acessado em: 14/07/2010.

TERESA, Marco António Domingos Teresa. **Geopolítica e o desporto de massas.** In Revista Militar, n. 2453, Lisboa, Portugal, 2006.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas e atualidades.** In Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas.** São Paulo: Contexto, 2003.

VIANA, Nildo. **Notas sobre o significado político do futebol.** In Revista Espaço Acadêmico, Nº111, 2010.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Recebido em 2 de setembro de 2010.

Aprovado em 13 de outubro de 2010.